

Reconhecimento e ingratidão

Os vossos filhos serão para vós como vós tiverdes sido para vossos paes. E é natural. As creanças veem diariamente o que fazem seus paes, e imitam-n'os. Justifica-se d'esta maneira o proverbio que diz, — que a benção ou a maldição d'um pae cae sobre a cabeça de seus filhos, terminando sempre por se realizar. Citaremos dois exemplos, que merecem ser meditados.

Um principe, passeando no campo, viu um pobre homem, que andava muito satisfeito, a lavrar a terra. Poz-se a conversar com elle. Depois d'algumas perguntas, soube que o campo não pertencia ao homem, mas que trabalhava n'elle mediante um salario de doze vintens por dia. O principe, que para as suas despesas d'administração e representação necessitava de quantias avultadas, custou-lhe ao principio a perceber, como se vivia com doze vintens diarios, andando-se ainda por cima satisfeito. Manifestou o seu espanto ao aldeão, que lhe respondeu:

«Gasto diariamente comigo a terça parte d'essa quantia; outro terço é para pagar as minhas dividas; e o resto é para ir juntando algumas economias.»

Era um novo enigma para o principe. Mas o alegre camponez explicou-lh'o d'este modo.

«Reparto quanto ganho com os meus velhos paes, que já não podem trabalhar, e com os meus filhos, que ainda não teem força para isso. Aos primeiros pago-lhes o amor de que me deram tantas provas na minha infancia; e espero que os segundos não me abandonem, quando os annos tiverem pesado sobre mim.»

O principe, ouvindo isto, quiz premiar o honrado camponez; encarregou-se da educação de seus filhos; e a benção que lhe deram os seus velhos paes, os seus filhos merecerem-a depois pela sua vez, rodeando egualmente a sua velhice de cuidados piedosos e da mais terna dedicação.

Mas posso desgraçadamente citar-vos outro filho, que procedeu d'uma maneira tão indigna com seu velho pae doente e aleijado, que este teve de pedir que o levassem para o hospital da misericordia. O filho ingrato recebeu com alegria o desejo do infeliz velho, que n'essa mesma tarde foi conduzido ao hospital. Como este estabelecimento de caridade fosse muito pobre, decidiu-se o velho a mandar pedir a seu filho, como ultima esmola, um par de lençoes, para cobrir a palha que lhe servia de leito. O mau filho escolheu os lençoes mais usados, e disse ao seu pequeno, de dez annos d'idade, que os fosse levar a esse velho rabujento. Mas

notou que a creança ao partir tinha escondido um dos lençoes a um canto, atraz da porta.

Quando voltou perguntou-lhe o pae, porque fizera aquillo.

«Foi, respondeu a creança desabridamente, para me servir mais tarde d'este lençol, quando pela minha vez te mandar tambem para o hospital.